



Contos da Maternidade: As Novas Dinâmicas Maternas na Literatura Brasileira Contemporânea

ANA LUIZA DE FIGUEIREDO SOUZA

Doutoranda e mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFF, sendo bacharela em Comunicação Social – Publicidade e Propaganda – pela UFRJ. Integrante do grupo de pesquisa MiDlCom. Coordenadora da equipe de revisão da Revista Contracampo. Atua como produtora de conteúdo, revisora, parecerista e escritora, com obras selecionadas para o catálogo da Feira de Bolonha, acervo básico da FNLIJ, Prêmio Off Flip de Literatura e mostras de teatro. Vencedora do Prêmio Compôs de Teses e Dissertações Eduardo Peñuela na categoria melhor dissertação de mestrado.

Resumo

Obras sobre a maternidade se tornaram mais comuns no mercado literário mundial, lançadas em cada vez maior quantidade no Brasil. Elogiado por público e crítica, *A teta racional* (2016, Grua), coletânea de contos de Giovana Madalosso, integra este cenário. O artigo relaciona o êxito editorial do livro a reconfigurações da maternidade no Brasil contemporâneo, sobretudo no que abrange a concepção de amor materno, a relação com o corpo, a ambivalência materna e a condição (não necessariamente voluntária) de não maternidade. Ao analisar a publicação de Madalosso, os objetivos do trabalho consistem em: a) investigar as representações maternas e não maternas presentes ao longo da coletânea; e b) relacioná-las a modelos maternos hegemônicos atuais e de períodos históricos anteriores, apontando rupturas e continuidades entre eles. Conclui-se que, por meio de uma obra de ficção baseada na vivência materna da autora, é possível refletir sobre novas práticas e valores ligados à maternidade. Ao mesmo tempo, verifica-se que a demanda por retratos maternos mais "sinceros", "transparentes" e "realistas", menos idealizados, se estende para além das narrativas pessoais de mulheres sobre a maternidade, chegando à ficção literária e ao mercado editorial brasileiros.

Palavras-chave: Maternidade; Vivência Materna; Literatura Contemporânea; Produção Editorial; Brasil.

Abstract

Works on motherhood have become more common in the worldwide literary market, launched in increasing numbers in Brazil. Praised by critics and the public, *The rational tit*, 2016, Grua, Giovana Madalosso's collection of short stories, is part of this scenario. The article relates the editorial success of the book to reconfigurations of motherhood in contemporary Brazil, especially in regards to the conception of maternal love, the relationship with the body, maternal ambivalence and the (not necessarily voluntary) condition of non-motherhood. In analyzing Madalosso's publication, the objectives of this paper are: a) to investigate the maternal and non-maternal representations present throughout the collection; and b) to relate them to current and previous hegemonic maternal models, pointing to ruptures and continuities between them. It is concluded that, through a work of fiction based on the author's maternal experience, it is possible to reflect on new practices and values related to motherhood. At the same time, it is verified that the demand for more "honest", "transparent" and "realistic", less idealized, maternal portraits extends beyond women's personal narratives of motherhood, reaching Brazilian literary fiction and publishing market.

Keywords: Motherhood; Maternal Experience; Contemporary Literature; Editorial Production; Brazil.

Artigo recebido em 29 de novembro de 2019

Aprovado em 31 de março de 2020

1. Introdução

Obras sobre a maternidade se tornaram mais comuns no mercado mundial de literatura de ficção, lançadas em cada vez maior quantidade no Brasil. Os exemplos variam entre títulos adquiridos por editoras de médio a grande porte – *As alegrias da maternidade* (TAG Experiências Literárias, 2017), *Maternidade* (Companhia das Letras, 2019), *Morra, amor* (Editora Instante, 2019) – a projetos independentes, como o livro de poemas *Azul de um minuto*. Há também publicações que, apesar de não focarem na maternidade, a trazem com destaque. O exemplo que tem recebido maior cobertura midiática é *A Vida Invisível de Eurídice Gusmão* (2016, Companhia das Letras), cuja adaptação cinematográfica disputou uma indicação ao Oscar 2020 na categoria Melhor Filme Estrangeiro.

A teta racional (2016, Grua) integra este cenário. Elogiado por público e crítica, é o livro de estreia de Giovanna Madalosso. A jornalista e publicitária enfrentou resistência para publicar a coletânea de contos baseada em suas experiências de maternagem¹ e amamentação. O presente artigo relaciona o êxito editorial do livro a reconfigurações da maternidade no Brasil contemporâneo, sobretudo no que abarca a concepção de amor materno, a relação com o corpo, a ambivalência materna e a condição (não necessariamente voluntária) de não maternidade.

Nos últimos anos, tem havido uma proliferação de discussões sobre a maternidade nos países ocidentais. No Brasil, mulheres de diferentes perfis utilizam especialmente as mídias sociais² para compartilharem suas vivências maternas: conjunto de valores e ideologias relacionadas à maternidade que cada mulher – por meio da convivência familiar, produções midiáticas, instituições de ensino, cotidiano social, redes de contatos, entre outros fatores – adquire ao longo da vida. Esse conjunto ajuda a estabelecer o lugar que as mulheres reservam à maternidade dentro de seu planejamento pessoal e, também,

¹ Práticas de cuidado e educação daqueles/as que se tomam como filhos/as.

² Plataformas de comunicação em rede, surgidas a partir do que teria sido a segunda fase da *World Wide Web* (web 2.0), nas quais seus participantes podem criar perfis, interagir, estabelecer conexões e compartilhar conteúdo com os demais usuários. São frequentemente chamadas de “sociais” por permitirem modos comunicativos bi e multidirecionais entre os sujeitos, bem como a visibilidade de conteúdos criados por eles mesmos, diferenciando-se das mídias massivas (LEMOS, 2002; PRIMO, 2007 apud FIGUEIREDO SOUZA, 2019, p. 21).

a forma como a enxergam em âmbito coletivo (FIGUEIREDO SOUZA, 2019). Desabafos de mães cansadas, textos sobre a relação com os filhos e/ou entre o casal após os filhos, piadas com a rotina materna, manifestos pelo poder de escolha quanto à maternidade, relatos que exploram suas nuances; todas essas produções circulam no ambiente virtual, sendo tanto consequências quanto intensificadoras de fenômenos maternos que ocorrem na vida cotidiana. Fenômenos estes que figuram nos contos de *A teta racional*.

Ao analisar a coletânea de Giovanna Madalosso, o artigo se dedica a duas questões principais: a) de que forma a maternidade e a não maternidade são retratadas na obra; e b) que configurações contemporâneas permitem que esses retratos se concretizem e sejam bem recebidos por leitores e críticos. Assim, os objetivos do trabalho consistem em: a) analisar as representações maternas e não maternas presentes ao longo da coletânea; e b) relacioná-las a modelos maternos hegemônicos atuais e de períodos históricos anteriores, apontando rupturas e continuidades entre eles.

2. Trajetória e sucesso do livro

Discutir a maternidade tendo como base as próprias experiências é um processo cada vez mais comum, que reflete uma cultura midiática na qual discursos personalistas disputam valor de autenticidade com premissas científicas e informações jornalísticas (POLIVANOV e FIGUEIREDO SOUZA, 2019). Contudo, quando se trata do mercado editorial brasileiro, haver escritoras abordando a maternidade em obras ficcionais ainda não é um processo tão simples. Segundo pesquisa da Universidade de Brasília, 70% dos livros nacionais lançados entre 1965 e 2014 foram escritos por homens.³ Dos 30% restantes, muitos versam sobre o universo masculino. O espaço para que mulheres publiquem material relacionado a vivências femininas permanece reduzido, o que, segundo Giovana Madalosso, se agrava devido a alguns fatores, entre eles “a questão da voz na infância”. Para a autora de *A teta racional*

As meninas são desincentivadas em várias coisas, inclusive no sentido da validação da voz da mulher para ter opinião própria. Essa ‘não validação’ faz com que as meninas não acreditem na opinião delas e não escrevam. E, para ser um escritor, a premissa básica é acreditar que você tem algo significativo para ser dito. Essa validação da voz não acontece muito na infância (MACIEL, 2018, sem paginação).

³ Disponível em: <https://bit.ly/2CEZJwg>. Acesso em 12 de novembro de 2019.

É possível estender tal desvalorização à voz materna, historicamente atrelada ao ambiente doméstico. Inserida na cultura patriarcal, é estimulada quando a mãe exalta os benefícios da maternidade, sendo censurada quando busca externar suas desvantagens. Em entrevista, Madalosso revela que sentiu preconceito diante da coletânea. Boa parte dos contos que a integravam eram reflexões sobre sua vivência materna, uma vez que a autora tinha acabado de se tornar mãe.

Conforme relata, as editoras recusavam o original sob a justificativa de que “o tema era chato e não interessava a ninguém” (MACIEL, 2018, sem paginação). Mas Giovana discordava. “Para gente que vive isso é superinteressante. E é maravilhoso a gente poder se relacionar com nossos problemas por meio da literatura” (idem).

Imbuída por essa convicção, inscreveu a obra inédita na segunda temporada de seleção de originais da editora Grua, sendo escolhida para integrar seu catálogo. A divulgação da coletânea foi fortemente baseada na afirmativa de que apresentava um retrato não idealizado da maternidade, o que chamou atenção inclusive da maior *booktuber*⁴ do país.⁵ O livro foi finalista no Prêmio Clarice Lispector de 2017 e sua boa recepção por crítica e público ajudou a garantir, no ano seguinte, a publicação do primeiro romance da autora por uma editora de maior porte.

Tal receptividade se integra a um movimento – refletido em diversos nichos de mercado – no qual mulheres têm interesse por consumir produtos que contemplem problemáticas e vivências femininas. Por um lado, tais produções geram identificação, as consumidoras (de livros, séries, vestimentas, maquiagens, eventos) se reconhecem naquelas questões e experiências. Por outro, consumi-las constrói a sensação de engajamento com causas femininas, bem como de apoio ao trabalho que mulheres fazem, caso sejam elas as produtoras daquilo que é consumido.

Não à toa encontramos eventos como a *Feira Livre das Mina que Faz*, voltada para a venda de produtos feitos por mulheres. O projeto *Se vira, mulher* oferece cursos de manutenção residencial exclusivamente de e para mulheres. A plataforma *Women's Music Event* funciona como catálogo online para profissionais femininas da indústria

⁴ Produtor/a de conteúdo no site de rede social YouTube que trabalha com temáticas voltadas ao universo literário e/ou ao mercado editorial.

⁵ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BMOvtkABEWK/>. Acesso em 13 de novembro de 2019.

fonográfica brasileira. O projeto *Visionárias* promove encontros, cursos e debates sobre a produção executiva na área audiovisual, pela perspectiva das mulheres que nela trabalham. No mesmo setor, o coletivo *Mulheres do Audiovisual* desenvolve meios para que as referências e contribuições femininas nas artes visuais sejam divulgadas e reconhecidas. Já o blog *Cientistas Feministas* dedica-se a produzir conteúdo acadêmico elaborado por pesquisadoras, dando visibilidade a seus projetos e aos de outras cientistas.

Na cena literária, as editoras Ferina, Padê Editorial, Desdêmona e Quintal Edições publicam apenas livros escritos por mulheres. Outras, como a Pólen e a Escaleras, apesar de também publicarem homens, priorizam as escritoras no catálogo. Sendo a maior parte do público leitor brasileiro constituído por mulheres,⁶ focar em autoras, sobretudo as que escrevem sobre temáticas relacionadas à vivência feminina, pode ser uma estratégia interessante para formar público e obter vendas.

Conforme se lê na orelha do livro aqui analisado, assinada pela escritora Carola Saavedra

A **teta racional** surge num momento de importantes transformações sociais e aponta para novos caminhos na literatura feita por mulheres, e por consequência, na literatura como um todo: não mais apenas um olhar da esfera íntima (o lar, os sentimentos), não mais uma tentativa de se mimetizar com o mundo masculino, e sim a busca de uma nova identidade (e de uma nova linguagem) para essa mulher atuante, mas que, não por isso, aceita silenciar uma série de aspectos possíveis do feminino: o corpo, a gravidez, o desejo ou o repúdio da maternidade (MADALOSSO, 2016, sem paginação, destaque no original).

Assim, *A tetá racional* se encaixa no perfil literário que vem sendo mais procurado nos anos recentes, especialmente pelo público que retrata – o feminino.

3. Menos idealização, mais realismo

Entre as resenhas⁷ sobre a coletânea, destacam-se comentários acerca da franqueza com a qual a vivência materna é retratada, especialmente no caso de mães estreatantes. Tal abordagem se evidencia no conto “XX+XY”, que abre o livro.

⁶ Disponível em: <https://bit.ly/33FO2kU>. Acesso em 13 de novembro de 2019.

⁷ Exemplos disponíveis em:

<https://www.skoob.com.br/booktubers/video/5b90554c99d998096e8c5065?o=l:619856>. Acesso em 13 de novembro de 2019.

Nele, acompanhamos uma mulher de quarenta anos que, devido a uma transa desprotegida com um homem que conhece em uma festa depois de meses sem sexo, engravida e precisa cuidar do recém-nascido. Interessante notar que o nome do filho, moisés, escrito em minúsculo, surge logo no segundo parágrafo; o do pai dele, Fábio, aparece no meio do conto. Mas a protagonista não tem o nome revelado.

Alguns aspectos da construção da personagem principal refletem fenômenos contemporâneos relacionados à maternidade no Brasil. O primeiro deles é sua idade. O número de brasileiras que viram mães após os quarenta anos cresceu 49% nas duas últimas décadas.⁸ A diferença entre a protagonista e a maior parte das mães representadas nas novas estatísticas é que sua gravidez não foi planejada, sequer desejada. Ao refletir sobre o que o filho pensaria quando perguntasse como foi concebido, ela reflete

Porque a verdade, é claro, não envolve flores nem serenatas. Tampouco amizade ou o singelo desejo de maternidade por trás de uma inseminação. A verdade, eu teria que dizer para ele, é que mamãe andava tão a fim de dar que abriu as pernas para um cara de quem ela nem sabia o nome (MADALOSSO, 2016, p. 25).

Tal conjuntura reproduz três fatores da realidade materna brasileira: a) a maioria das gestações no país não é planejada;⁹ b) o número de mães que criam os filhos sem a presença integral ou parcial dos pais das crianças é historicamente alto;¹⁰ e c) como o aborto ainda é criminalizado na maioria dos casos, boa parcela das mulheres que engravidam involuntariamente se veem obrigadas a ser mães. Pode-se acrescentar um quarto fator, relacionado à transa decepcionante que levou à gravidez: a insatisfação sexual de contingente significativo de brasileiras, muitas das quais não experimentam um orgasmo, mesmo já sendo mães de vários filhos.¹¹

Embora retratos dos impasses da condição materna não sejam novidade na literatura – podemos apontar, por exemplo, a crua relação de Emma com sua filha em

⁸ Disponível em: <https://bit.ly/2r0oakZ>. Acesso em 15 de novembro de 2019.

⁹ De acordo com a pesquisa *Nascer no Brasil: Inquérito Nacional Sobre Parto e Nascimento*, 55,4% das gestações nacionais não são planejadas. Disponível em: <http://www6.ensp.fiocruz.br/nascerbrasil/>. Acesso em 15 de novembro de 2019.

¹⁰ Dados do IBGE revelam que 57,3 milhões de lares brasileiros (38,7%) são chefiados por mulheres. Disponível em: <https://bit.ly/33b8wkw>. Segundo a pesquisa *Mulheres Chefes de Família no Brasil: Avanços e Desafios*, famílias formadas por uma mãe solo, separada ou viúva e seus filhos representam 15,3% de todas as formações familiares no país. Disponível em: <https://bit.ly/2PKIYGj>. Ambos os acessos em 14 de novembro de 2019.

¹¹ Disponível em: <https://glo.bo/2OodJ0O>. Acesso em 15 de novembro de 2019.

Madame Bovary – agora beiram o escatológico nos contos de Giovana Madalosso. Trazem à tona fluidos, secreções e odores que não apenas expõem sua intimidade, mas também geram nos leitores (especialmente nas leitoras) os mesmos asco e desconforto sentidos pela protagonista.

Eu já tinha voltado da maternidade. Estava em casa, sem ninguém para me ajudar. Fui com meu filho no colo até o banheiro, abri a calça e sentei na privada. Caguei. E, enquanto isso, ele regurgitou no meu colo. Um jato de leite azedo que escorreu pelo meu braço e pela minha barriga. Quando tentei me limpar, ele se mexeu de um jeito brusco e abriu a ferida do meu mamilo, que estava rachado. Comecei a chorar. E meu filho, sempre em simbiose comigo, chorou também. Nos acolhemos, nos grudamos um ao outro. Uma bola de fezes, vômito, sangue, lágrimas e muco se amando intensamente (MADALOSSO, 2016, p. 13).

É possível associar o teor do conto a reflexos de uma cultura que, na busca constante por veracidade, anseia consumir “lampejos da intimidade alheia” (SIBILIA, 2016, p. 247). Nessa lógica, descrições sobre a vivência materna – feitas pessoalmente, em mídias sociais ou em obras de ficção – precisam revelar detalhes que em outras épocas teriam permanecido ocultos. O que pode ser observado é que cada vez mais aquilo que mostra a maternidade com aspectos difíceis, cansativos, físicos, asquerosos e melancólicos é tido como autêntico. “Maternidade real” é o termo comumente acionado em relatos feitos em diferentes suportes midiáticos para classificar abordagens da vivência materna que exponham facetas para além daquelas relacionadas à completude, ao afeto e à felicidade. Muitas vezes, tais relatos enfocam os aspectos negativos da maternidade, tomando como idealizadas as narrativas que priorizam seus elementos positivos – o que causa atritos entre mulheres que defendem retratos maternos opostos (FIGUEIREDO SOUZA, 2019).

A demanda por descrições “mais realistas” da maternidade é uma constante, suprida por relatos em tom confessional, envolvidos por culpa. Desde o último terço do século XVIII, no contexto ocidental, a culpa caracteriza um importante elemento da construção da imagem materna, atuando também como recurso coercivo para que a mulher exerça uma maternidade a mais próxima possível da que é socialmente estabelecida como desejável – uma mãe que assume total ou maior parte da responsabilidade pelos filhos, dedicada, amorosa, que oculta sentimentos conflitantes e

se penaliza por seus erros (BADINTER, 2011). Todavia, diante de necessidades iminentes da mãe (no caso do fragmento abaixo, sentir algum alívio), essa culpa pode ser modulada. Percebemos negociações performáticas entre o que a narradora sabe que é melhor para seu filho e o que tem vontade de fazer. Entre o ideal e o que consegue realizar. Entre o que configura mais uma atividade repetitiva em sua maternagem e algo que pode distraí-la dela.

Como não podia tomar remédio, quanto mais um calmante, fui atrás da única coisa fumável que tinha naquela casa: um charuto que um amigo me deu na maternidade. (...). Mesmo sabendo que não devia tragá-lo (as substâncias químicas do charuto também passariam para o leite), traguei (MADALOSSO, 2016, p. 24).

É possível perceber certo tom condescendente. Os leitores entendem que a personagem errou, mas o erro se insere em circunstâncias que levaram a ele. Processo semelhante ao que tantas mães empenham ao revelarem suas vivências maternas a terceiros.

A *teta racional* pode ser entendida como uma espécie de literatura de denúncia, evidenciando determinadas problemáticas. O conto que dá nome à coletânea, por exemplo, gira em torno dos obstáculos que uma mãe enfrenta para equilibrar as demandas do filho e as do emprego. Em “A paraguaiá”, o isolamento materno é retratado quando a personagem que nomeia o conto desaparece dos antigos círculos sociais após se tornar mãe de forma não planejada.

Assim, é possível perceber, por parte de Madalosso, um desejo de mostrar certas experiências relacionadas à maternidade, enquanto da parte do público que acolheu a obra pode-se inferir a vontade de ter aquelas experiências representadas.

4. Reconfigurações do amor materno

Até meados do século XX, a culpa em relação à maternidade ocorria porque a mulher desejava algo que o espaço público condenava, em uma lógica na qual a opressão constituía o mecanismo que incitava os indivíduos na vida cotidiana. Hoje, o estímulo ocupa esse lugar, gerando vontades que não estão isentas da influência de construções sociais. Entre elas, a de ser uma mãe flexível, presente, atarefada. Nesse sentido, o que as mães atuais chamam de culpa pode ser lido como a frustração com a própria

"ineficiência", suas falhas e inadequações. Para ter/criar os filhos, a mãe sacrifica outro desejo, que deseja menos. Porém, um dos paradoxos da maternidade é que a faceta da obrigação – capaz de gerar culpa diante do não cumprimento das responsabilidades – ainda tem forte papel, inclusive dentro desses desejos.

Podemos pensar na protagonista do conto “A teta racional”. Ela se apressa para recolher o leite das mamas com uma bomba, transferindo-o para frascos que deixa na geladeira da agência e, no fim do expediente, leva para casa. Enquanto está no trabalho, a babá dá o leite extraído no dia anterior para seu filho. No caminho para a sala do chefe, a protagonista lembra de uma cadela que avistou na rua, deitada o dia inteiro com a barriga para cima e os filhotes mamando. Ao descobrir que precisará ficar até mais tarde na agência, “olho para os meus pés num par de sapatos e, com tristeza, constato que não sou uma cadela. Digo ok, pode deixar que eu resolvo” (MADALOSSO, 2016, p. 86). A personagem deseja mais tempo com o filho, amamentá-lo sem pressa, como a cadela que vira. Mas precisa manter o emprego se quiser custear os cuidados com o bebê. Para cumprir suas obrigações de mãe, deve se adaptar à rotina da agência – por mais que sua vontade seja priorizar os momentos com o menino. Mesmo que possa haver negociações entre o que a mãe deseja e o que filho necessita, conforme discutido no tópico anterior, os deveres maternos – entre eles, o de garantir uma estrutura financeira para criar os filhos – ainda pesam.

Fernandes (2006) aponta que, ao longo das últimas décadas, as mulheres acumularam funções e ideais impossíveis de serem atingidos, sendo a maternidade o maior exemplo disso. Como a realização pessoal impulsiona a cultura ocidental capitalista e o leque de escolhas é cada vez mais amplo (GIDDENS, 2002), os filhos, concebidos como fonte de realização, podem se revelar um obstáculo (BADINTER, 2011). A influência de concepções tradicionais se alia a imperativos de otimização nos modelos maternos e de maternagem hegemônicos, respondendo a novas cobranças e definições femininas que, em boa parte, derivam do mercado. A maternidade se torna mais exigente quando se associa à ideia de sujeito autônomo, ilusão construída pelo neoliberalismo que busca suprimir o fato de que qualquer pessoa depende das ações de outras, direta ou indiretamente.

A cultura do consumo na qual boa parte dos países ocidentais está inserida oferece muitos estímulos, inclusive contraditórios. Repulsa e paciência, felicidade e cansaço,

carinho e ressentimento. Donath (2017) percebe a ambiguidade que permeia o discurso das mães e a maternagem. Ser mãe, conforme também averigua Brown (2010), implica o sentimento de ambivalência e seus derivados: cobrança social, ansiedade e culpa. É viver socialmente vigiada dentro e fora de casa. Nesse contexto, o amor materno se reconfigura. No afeto da mãe pelo filho – profundo, impactante, transformador, como revela o conto “Sentimento nº 01403” (primeiro fragmento) – passam a caber frustrações, erros, nojo, raiva e mesmo a vontade de deixar momentaneamente de ser mãe ou de fugir de determinados aspectos da maternidade (segundo e terceiro fragmentos).

Para uma mãe, não importa o quanto o filho esteja bem, há sempre algo a ser feito. Um gesto que carregue a ilusão de salvar o filho de todas as dores do mundo (MADALOSSO, 2016, p. 90).

O meu chefe bate na porta e pergunta se vou demorar. Mais uns dez minutos, eu digo. Jogo a cabeça para trás, fecho os olhos e tento mentalizar coisas que despertem o meu amor, porque uma amiga me disse que o amor estimula a produção de ocitocina e isso faz o leite fluir mais rápido. Penso no meu bebê, nas covinhas dele e começo a sentir um negócio no peito, um negócio que me deixa toda animada porque é forte, funcional, produtivo, um amor funcionário do mês que vai estimular o meu corpo todo (...) e então o babaca do meu chefe bate na porta de novo pedindo que, quando eu sair do banheiro, vá direto para a sua sala. Meu mamilo brocha (...). O bico, que estava duro, amolece e se retrai, deixando clara a sua recusa em trabalhar em tão precárias condições (ibid, p. 85).

Eu queria ficar tonta, quem sabe conseguir deixar de ser eu mesma por alguns segundos. Porque eu andava me sentindo uma imbecil (...). Eu estava na cozinha às três da manhã com as tetas de fora e o short do avesso fumando um negócio que eu achava asqueroso e chorando sem parar (...). Então peguei o telefone e liguei para o Fábio (...). Acho que queria me vingar por ele não ser mulher e não estar passando por tudo que eu estava passando (ibid, p. 24-25).

Também é possível apontar o quanto algumas personagens ficam insatisfeitas por serem preteridas aos filhos, como no fragmento abaixo.

Depois de uns minutos, desencaixei-o um pouco e vi que estava mamando sangue. Lembro que pensei num parasita. Num ser apegado à vida, mesmo sem saber o que é a vida. Sem aguentar mais a dor, arranquei-o de mim e fechei a camisola. Quando amanheceu, liguei para o pediatra, ansiosa por um alento, por uma medalha de honra na minha farda azeda de leite, e também por um alívio, por uma autorização para minha teta ferida bater em retirada, mas o que eu ouvi dele foi apenas: pode continuar, não tem problema ele beber o teu sangue. Posso pelo menos tomar um analgésico?, perguntei. Não, ele me disse, o analgésico passaria pro leite, não é bom pro bebê. Entendendo quem era a

prioridade naquela história que se repetia desde o surgimento do homem, voltei para a cama (MADALOSSO, 2016, p. 16).

Interessante perceber que, ao longo dos contos, os homens são geralmente os causadores da maioria dos problemas das personagens femininas – um chefe insensível, um pai ineficaz, um marido que termina o casamento de forma abrupta, um pediatra indiferente às dores da paciente na amamentação –, enquanto as mulheres aparecem como aquelas que buscam remediar esses males – uma babá que cuida do bebê enquanto a patroa trabalha, uma sogra que se faz presente, uma filha que ampara a mãe divorciada, amigas que indicam médicos, eventos e macetes da maternagem, uma especialista que ensina a desempedrar leite.

Apesar dessa rede feminina de colaboração – que pode ser lida enquanto meio de mulheres se apoiarem frente a estruturas misóginas sustentadas por homens –, as personagens não isentam outras mães de críticas ou julgamentos. Em “XX+XY”, vemos a sogra da protagonista dizer-lhe que achava que “esse jeito que vocês fizeram meu neto não é coisa de Deus” (MADALOSSO, 2016, p. 19). Já a protagonista descreve uma amiga em particular, Carolina: “Confirmei minha teoria de que, por trás das mulheres mais certinhas, se escondem as mais descacetadas. (...). Ela ficou cinco anos tentando engravidar. Só falava nisso. E quando o bebê finalmente nasceu, ela resolveu terceirizar a tarefa de mãe para uma babá” (ibid, p. 21). Ao contrário do conto “A teta racional”, em que a figura da babá é justificada pela necessidade de a mãe trabalhar fora, a babá de Carolina aparece como representação da cedência das tarefas maternas, prática comum – sobretudo entre as brasileiras mais economicamente favorecidas e/ou que contam com rede de apoio familiar¹² – que reflete o desejo de fuga da própria protagonista.

Também se nota a importância atribuída ao corpo das mães nas descrições do que vivenciam. Da ternura à dor, é nele que se expressam boa parte das ambivalências maternas. É fonte de cansaço, incômodo, mas também de força e prazer. A ênfase que o corpo e o bem-estar corporal adquiriram nas últimas décadas se faz presente na coletânea, refletindo um novo modo tanto de se referir quanto de se relacionar à maternidade (FIGUEIREDO SOUZA, 2019). A escrita de Madalosso, portanto, se integra a um movimento acadêmico, artístico e cotidiano que busca compreender a vivência materna

¹² Conforme pode ser visto em: <https://glo.bo/2pTn0Yq>. Acesso em 27 de novembro de 2019.

de forma mais ampla, incorporando aspectos positivos e negativos. Processo cuja consequência pode ser uma nova forma de valorização da maternidade, conforme indica o fragmento abaixo.

(...) desde que meu filho nasceu, eu andava sentindo umas coisas estranhas. Era como se o meu emocional tivesse sofrido um corte mais profundo e ganhado uma nova camada, que me deixava experimentar mais amor e mais felicidade, mas também mais medo e mais dor. A maternidade, descobri, é um ato de coragem, porque quem ama com tamanha intensidade se expõe ao mundo sem a pele (MADALOSSO, 2016, p. 20).

5. Estereótipos da não maternidade

O índice de brasileiras sem filhos é o maior da última década,¹³ acompanhando um movimento mundial de queda nas taxas de natalidade e postergação da maternidade (UNITED NATIONS, 2017). Ainda assim, a representação midiática das não mães permanece escassa e, muitas vezes, caricata. Se a imagem popular da mãe é altruísta e carinhosa, a não mãe é egoísta e fria. Se o imaginário coletivo acredita que mulheres que desejam a maternidade buscam constituir família, aquelas que não a desejam são representadas enquanto avessas a modelos familiares tradicionais. E assim por diante.

Embora apresente personagens mais complexas do que essas dicotomias, *A teta racional* recai em alguns estereótipos ao introduzir não mães. Elas são as protagonistas de dois contos: “A paraguaia”, no qual uma mulher reencontra uma amiga que mora com o marido e os filhos no Paraguai, e “Suíte das sobras”, em que a filha de uma recém-divorciada a leva para viajar. Ambas contracenam direta e constantemente com mães (tão cruciais para o enredo quanto as protagonistas). São aficionadas pelo trabalho. Convivem com muitas festas, drogas e parceiros sexuais. Possuem agendas desreguladas. Não conseguem manter relacionamentos amorosos assertivos. Têm personalidade independente. E sentem-se solitárias. Já as mães com as quais contracenam refletem estereótipos maternos como terem se voltado totalmente para a vida familiar ou buscarem controlar a conduta dos filhos, projetando expectativas neles.

Apesar das semelhanças, há diferenças nessas abordagens. Em “A paraguaia”, o último relacionamento da protagonista foi com um “Homem maduro, equilibrado.

¹³ Como se vê em: <https://glo.bo/2UEoyUz>. Acesso em 11 de novembro de 2019.

Alguém para ter filhos” (MADALOSSO, 2016, p. 69). Quando o casamento termina, constatando sua solidão, decide procurar pela paraguaia que a acompanhava nos passeios de anos atrás. Enquanto busca seu endereço, encontra com uma amiga dela, Priscila, que “parecia feliz. Tinha dois filhos, um cachorro, um mural cheio de fotografias” (ibid, p. 72).

Perguntei se não achava estranho ela [a paraguaia] entrar em contato com a gente e sumir sem dizer nada. Ela disse que não. A vida era assim mesmo. As pessoas amadureciam, faziam novos amigos, casavam, tinham filhos. As relações do passado perdiam a importância. Me senti como num desses sonhos em que, de repente, percebemos que estamos nus. Tive vontade de sair correndo pela porta. Menti que estava atrasada para um compromisso e fui embora (MADALOSSO, 2016, p. 75).

A protagonista revela temor por se tornar deslocada, a única entre suas referências mais queridas a não cumprir o ritual do casamento seguido de filhos (que ela chegou a tentar). Sentimento comum entre não mães, que receiam perder as amigas cuja vida é transformada pela maternidade.¹⁴ Todavia, o isolamento materno também é recorrente, expresso inclusive quando a protagonista descobre o paradeiro da paraguaia: um humilde restaurante no qual mora com a família, afastada de todos que conheceu na juventude.

Ela explica que engravidou na primeira vez que dormiu com o atual marido, Cadão, brasileiro, tendo voltado ao país de origem para criar o filho. Depois, engravidou do caçula. “Resignou-se” (MADALOSSO, 2016, p. 82). Quando a protagonista indaga por que não tentou um aborto, responde que foi “por medo de envelhecer louca e sozinha como as tias” (ibid, p. 81).

Acho que a olhei com pena, porque ela disse que estava tudo bem. Já tinha transferido as expectativas para os filhos. E você?, me perguntou. Dei de ombros, tudo que eu estava sentindo já tinha escapado nas entrelinhas, e achei bom (...) estar livre daquela obrigação maldita de ser ou parecer feliz (MADALOSSO, 2016, p. 82).

A maternidade foi um meio de a paraguaia escapar de um destino que achava triste, comumente atribuído àquelas que não têm filhos, mesmo tendo revelado que, durante a gravidez, “passava o dia inteiro deitada, olhando para o teto e pensando em como me matar ou matar o Cadão ou matar o meu filho” (ibid, p. 81). A protagonista se penaliza, mas ao longo do conto dá sinais de ser atraída pela ideia de formar uma família. A partir disso, é possível complexificar a oposição binária “mãe” e “não mãe”. Conforme

¹⁴ Conforme vem sendo percebido na pesquisa de doutorado da autora do artigo, voltada para não mães e como se relacionam à não maternidade (voluntária ou involuntária) por meio de grupos em mídias sociais.

identifica Donath (2017, p. 61), existe um amplo espectro de atitudes emocionais que oscilam entre “uma tendência para a maternidade” e “uma tendência para a não maternidade”, que pode ser expresso por uma mesma mulher. Essa dualidade é explorada nas reações de contentamento e desgosto de ambas as personagens quanto a aspectos relativos a esses dois universos.

Já em “Suíte das sobras”, a protagonista, por sugestão da irmã, tenta animar a mãe após um chocante divórcio, mas perde a paciência diante das críticas que esta faz sobre seu estilo de vida, carreira artística e falta de vontade de ter filhos. A mãe, por sua vez, encarna as aspirações femininas tradicionais nas classes mais abastadas, do casamento com um homem de boa posição social à casa de campo “onde pudessem envelhecer em paz com os netos em volta” (MADALOSSO, 2016, p. 95).

Esta protagonista não hesita quanto ao desejo de permanecer solteira e sem filhos. Inclusive, em um dos últimos encontros com a mãe antes do divórcio, se sente feliz porque “não tinha nenhum namorado ou marido para ficar me enchendo o saco” (ibid, p. 103). Contudo, o que a afasta de sonhos maternais e familiares reflete uma personalidade desapegada, que a torna insensível a diversos gestos afetuosos vindos da mãe. Na metade do conto, percebe que até o momento não havia criado nenhum laço significativo, e que a pessoa que mais se esforça para manter o vínculo com ela é a mãe que ela tentava afastar. Acompanhamos, assim, a desajeitada reaproximação das duas, na qual a mãe, mesmo em situação fragilizada, é quem fornece maior apoio.

Apesar de as personagens romperem com seus papéis de mãe cuja ternura é inabalável (fica magoada quando percebe que a filha não a quer por perto) e filha que precisa da figura materna (dispensa esse modelo, mas descobre que contar com o afeto da mãe é importante), os extremos entre o amor materno devotado e a frieza autocentrada que moldam os estereótipos de mães e não mães se mantêm.

6. Considerações finais

Todos os contos são narrados em primeira pessoa, evidenciando a abordagem personalista. Os mais longos e marcantes se relacionam à maternidade, sendo que dois deles (“A paraguaia” e “Suíte das sobras”) fazem paralelos diretos com a não maternidade. Boa parte das protagonistas são mães de crianças pequenas, o que se explica

pelo fato de muitos contos terem sido escritos quando a autora tinha acabado de se tornar mãe.

A teta racional demonstra que a maternidade passou a ser criticável, risível, alvo de irritação, asco, revolta e dualidades. Sai tanto do lugar santificado quanto do âmbito doméstico aos quais foi historicamente circunscrita. Desse modo, por meio de uma obra de ficção baseada na vivência materna da autora, é possível refletir sobre novas práticas e valores ligados à maternidade e, ao mesmo tempo, verificar que a demanda por retratos maternos mais "sinceros", "transparentes" e "realistas", menos idealizados, se estende para além das narrativas pessoais de mulheres sobre a maternidade, alongando-se até a ficção literária e o mercado editorial brasileiros. Fenômeno que, a julgar pela boa recepção da coletânea, pode ganhar mais força nos próximos anos.

Referências bibliográficas

BADINTER, Elisabeth. **O conflito: a mulher e a mãe**. Rio de Janeiro: Record, 2011.

BROWN, Ivana. Ambivalence of the Motherhood Experience. (in) O'REILLY, Andrea. **Twenty First Century Motherhood: Experience, Identity, Policy, Agency**. New York: Columbia, 2010.

DONATH, Orna. **Mães Arrepentidas: uma outra visão da maternidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

FERNANDES, Maria Helena. A Mulher-Elástico. **Anais do 2nd International Congress of Fundamental Psychopathology**. Belém: 2006.

FIGUEIREDO SOUZA, Ana Luiza de. **“Me deixem decidir se quero ou não ser mãe!”: narrativas pessoais de mulheres sobre a maternidade nas mídias sociais**. Dissertação de Mestrado em Comunicação apresentada à Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2019.

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e Identidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

MACIEL, Nahima. Literatura nacional ainda sofre com pouca representatividade feminina. **Correio Braziliense**. Disponível em <<https://bit.ly/36Vtoix>>. Acesso em 11 de novembro de 2019.

MADALOSSO, Giovana. **A teta racional**. São Paulo: Grua, 2016.

POLIVANOV, Beatriz Brandão; FIGUEIREDO SOUZA, Ana Luiza de. “Desconstruindo a Maternidade”: Narrativas Pessoais, Intimidade e Confiança em Mídias

Sociais. (in) POLIVANOV, Beatriz ; ARAÚJO, Willian; OLIVEIRA, Caio César G.; SILVA, Tarcízio. **Fluxos em redes sociotécnicas: das micronarrativas ao big data**. Brasília: IBPAD, 2019.

SIBILIA, Paula. **O show do Eu: A intimidade como espetáculo**. 2. ed. Rio de Janeiro: Contraponto, 2016.

UNITED NATIONS. **United Nations World Fertility Data 2017**. Department of Economic and Social Affairs: Population Division, 2017.